

Ditadura, Música e Resistência



CALE-SE

A MPB E A DITADURA MILITAR

Pra não dizer que não falei de flores

(Geraldo Vandré/1968)

**2ª colocada no Festival Internacional da Canção*

Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações
Pelas ruas marchando indecisos cordões
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
E acreditam nas flores vencendo o canhão

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão

Professor Roberson Calegari

Atila O'1

Nas escolas, nas ruas, campos, construções
Somos todos soldados, armados ou não
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Somos todos iguais braços dados ou não

Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição



A MPB E A DITADURA MILITAR

TRIO PORÃO



PRODUÇÕES

Cotidiano (Chico Buarque/1970)



Todo dia ela faz tudo sempre igual
 Me sacode às seis horas da manhã
 Me sorri um sorriso pontual
 E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
 E essas coisas que diz toda mulher
 Diz que está me esperando pro jantar
 E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
 Meio dia eu só penso em dizer não
 Depois penso na vida pra levar
 E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar
 Ela pega e me espera no portão
 Diz que está muito louca pra beijar
 E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
 Meia-noite ela jura eterno amor
 E me aperta pra eu quase sufocar
 E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
 Me sacode às seis horas da manhã
 Me sorri um sorriso pontual
 E me beija com a boca de hortelã





Não quero lhe falar meu grande amor
De coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
E eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto é menor do que a
vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens...

Professor Roberson Calegari

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina, na rua
É que se fez o seu braço,
O seu lábio e a sua voz...



Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada como uma
nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade não vou voltar
pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento cheiro de
nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva do meu
coração...

Como nossos pais – parte 2 (Belchior/1976)

Atila O'1

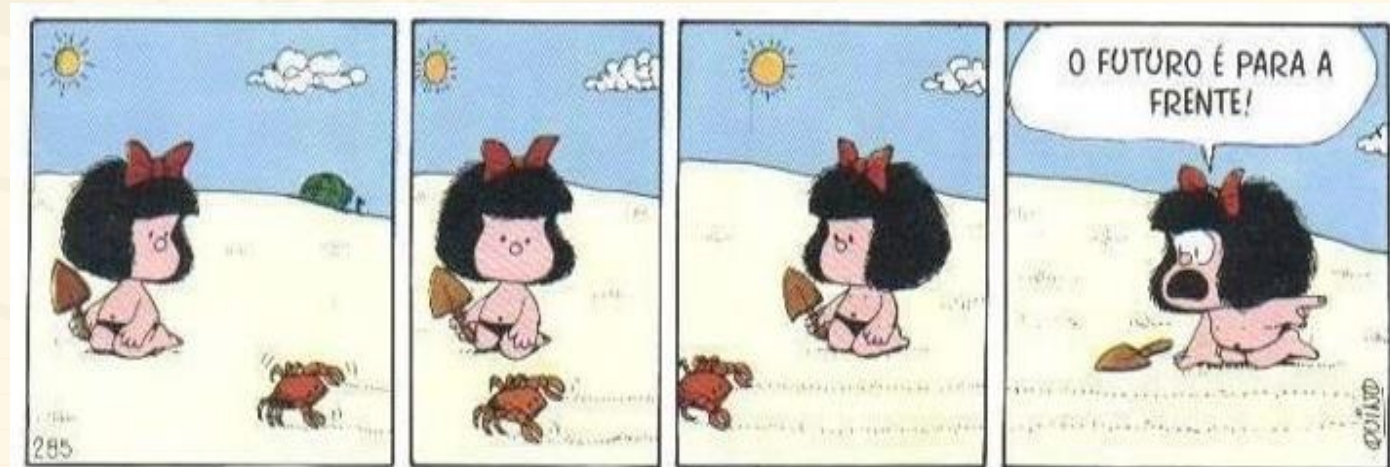
Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento, gente jovem reunida
Na parede da memória esta lembrança
É o quadro que dói mais...

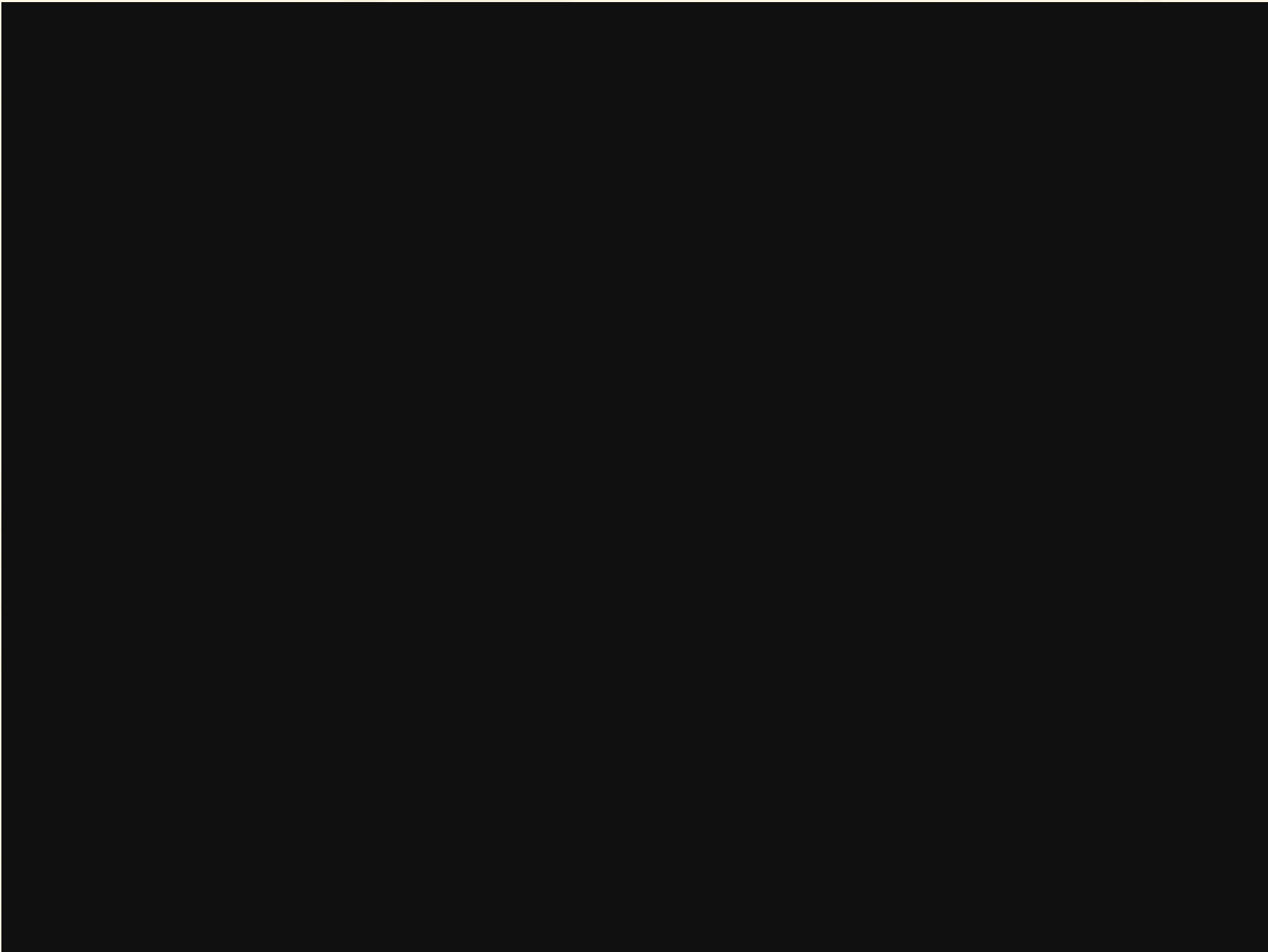
Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...

Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências não enganam não
Você diz que depois deles não apareceu mais
ninguém
Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando...
Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem...

Hoje eu sei que quem me deu a ideia e
De uma nova consciência e juventude
Tá em casa, guardado por Deus
Contando vil metal...

Minha dor é perceber que apesar de termos
Feito tudo, tudo, tudo, tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Ainda somos os mesmos e vivemos
Como os nossos pais...





SE

Sampa (Caetano Veloso/1978)

Alguna coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São
 João
 É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
 Da dura poesia concreta de tuas esquinas
 Da deselegância discreta de tuas meninas
 Ainda não havia para mim, Rita Lee
 A tua mais completa tradução
 Alguma coisa acontece no meu coração
 Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São
 João

Quando eu te encarei frente a frente
 não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi,
 de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 Nada do que não era antes
 quando não somos Mutantes

Professor Roberson Calegario

E foste um difícil começo
 Afasta o que não conheço
 E quem vem de outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
 Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do
 samba
 Mais possível novo quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
 E novos baianos te podem curtir numa boa





Admirável gado novo (Zé Ramalho/1979)



Vocês que fazem parte dessa massa
Que passa nos projetos do futuro
É duro tanto ter que caminhar
E dar muito mais do que receber
E ter que demonstrar sua coragem
À margem do que possa parecer
E ver que toda essa engrenagem
Já sente a ferrugem lhe comer

Êh, ô, ô, vida de gado
Povo marcado
Êh, povo feliz!



Lá fora faz um tempo confortável *Attila 01*
A vigilância cuida do normal
Os automóveis ouvem a notícia
Os homens a publicam no jornal
E correm através da madrugada
A única velhice que chegou
Demoram-se na beira da estrada
E passam a contar o que sobrou!



O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonham com melhores tempos idos
Contemplam esta vida numa cela
Esperam nova possibilidade
De verem esse mundo se acabar
A arca de Noé, o dirigível
Não voam, nem se pode flutuar



Clipe original - 11 de novembro de 1979 (28/08/1979 - Lei da Anistia)

O bêbado e a equilibrista

(Aldir Blanc e João Bosco/1979)

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos
A lua tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel
E nuvens lá no mata-borrão do céu
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco!
O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil
Pra noite do Brasil
Meu Brasil!
Que sonha com a volta do irmão do Henfil

Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora
A nossa Pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarisses
No solo do Brasil
Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar
Azar!
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar.



Atila O'1



Professor Roberson Calegari

A MPB E A DITADURA MILITAR

Cidadão (Zé Geraldo/1979)

Tá vendo aquele edifício moço?

Ajudei a levantar

Foi um tempo de aflição, eram quatro condução

Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto, olho pra cima e fico tonto

Mas me chega um cidadão e me diz desconfiado,

- Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar?

Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido

Dá vontade de beber

E pra aumentar o meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?

Eu também trabalhei lá

Lá eu quase me arrebento, pus a massa fiz cimento

Ajudei a rebocar

Minha filha inocente, vem pra mim toda contente

Pai vou me matricular

Mas me diz um cidadão:

- Criança de pé no chão aqui não pode estudar

Professor Roberson Calegato

Esta dor doeu mais forte

por que que eu deixei o norte eu me pus a me dizer

Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava tinha direito a colher



Tá vendo aquela igreja moço?

Onde o padre diz amém

Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo

Lá eu trabalhei também

Lá sim valeu a pena, tem quermesse, tem novena e o padre me deixa entrar

Foi lá que Cristo me disse:

- Rapaz deixe de tolice, não se deixe amedrontar

Fui eu quem criou a terra, enchi o rio fiz a serra

Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asas e na maioria das casas

Eu também não posso entrar



O meu guri (Chico Buarque/1981)

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Professor Roberson Calegato



Um lenço e uma penca de documentos *Atila O-1*
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí



Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá



SE